



INIC
INSTITUTO INTEGRAL DA CONSCIÊNCIA DE ENSINO DE
EXTENSÃO

MILENA CARDOSO DE OLIVEIRA

**PSICOTERAPIAS CORPORAIS: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO EM PSICOLOGIA DA CONSCIÊNCIA**

ATIBAIA – SÃO PAULO

2009

MILENA CARDOSO DE OLIVEIRA

**PSICOTERAPIAS CORPORAIS; UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO EM PSICOLOGIA DA CONSCIÊNCIA**

Monografia de Conclusão de Curso da
Especialização em Psicologia da Consciência
Orientador(a): Profa. Dra. Monica S. Borine

ATIBAIA – SÃO PAULO
2009

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	1
I.1 Objeto De estudo.....	3.
I.2 Justificativa.....	4
I.3 Um resgate histórico das psicoterapias corporais.....	5
II. METODOLOGIA	12
II.1 Objetivo Geral.....	12
II.2 Objetivo específico.....	12
II.3 Psicoterapias corporais.....	13
II.3.1 Reich e a terapia do corpo.....	14
II.3.2 Orgonoterapia.....	17
II.3.3 Análise Bioenergética.....	19
II.3.4 Biossíntese.....	25
II.3.5 Core Energetics.....	33
II.3.6 Dançaterapia.....	36
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

I – INTRODUÇÃO

Estudar a Psicologia da Consciência e a amplitude de abordagens que compõem e constituem seu corpo teórico, inevitavelmente, remete ao estudo da energia e da metafísica como concepção da totalidade do homem.

A Física Quântica já nos apresenta que toda a matéria é composta de energia e que os seres humanos são seres energéticos e dinâmicos, e que sendo assim, não é possível ignorar as forças vitais que animam e organizam todos os sistemas vivos. Quando a força vital abandona o corpo, por ocasião da morte, este se decompõe. Aliás, Aristóteles já propunha em seu estudo “Da Alma”, a energia como alma, ou princípio que habitava o corpo, algo imaterial do ser humano que continha sentimentos de amor, raiva, desejos, ódio e pensamentos, e que quando o corpo morria, deixava de habitá-lo.

A partir da aceitação da correlação entre energia e corpo é possível conceber e estudar a saúde e a doença sob novo ponto de vista. Se ingressarmos na esfera corporal humana teremos que recorrer a duas posições remotas e antagônicas, mas extremamente importantes para exemplificação do presente estudo: a einsteiniana que vê o homem como um complexo sistema biológico de interação dinâmica, com uma série de campos interpenetrantes de energia vital, no qual o vértice de cura está apoiado na medicina vibracional, cuja correspondência atual mais conhecida é a medicina homeopática. A outra posição é a newtoniana, que se apóia a medicina alopática, e que propõe o corpo humano como uma máquina complexa, que é controlada pelo cérebro e pelo sistema nervoso autônomo.

Na verdade, segundo o William Tiller, PhD.(1993), que é um dos mais conceituados teóricos no campo da energia sutil, o mundo ao qual o homem se familiarizou é apenas um esboço que foi criado, a partir da percepção dos limitados cinco sentidos. A partir daí Tiller entende que a verdadeira natureza do homem é, ainda, bastante desconhecida e mal compreendida, mas que dentre as teorias que buscam explicar a natureza do ser humano,

têm-se destacado aquelas que afirmam que são os campos energéticos que dão origem à matéria física e não o contrário.

Algo tão importante quanto o reconhecimento da energia e que não pode ser relegado ao padrão do desprezo é a memória do corpo.

Thérèse Bertherat (1997) propõe que o corpo humano possui duas memórias distintas e independentes: a arcaica e a individual. A arcaica se refere ao que é transmitido em carga genética ao embrião, que antes mesmo do nascimento já começa a se constituir. Mas Bertherat diz que essa memória conta com impressões muito mais anteriores ao tempo atual, trazendo informações de tempos imemoriáveis da formação dos vertebrados sobre a Terra, e que o homem a carrega por toda a vida atrás de seu corpo, da cabeça até a ponta dos pés, nas cadeias musculares, uma musculatura fibrosa, diferente do restante do corpo, muito mais resistente e forte.

A outra memória seria a individual, constituída por odores da infância ou de outras épocas distintas da atual, que rememoram sensações e emoções, e que, continuam a exercer poder sobre padrões corporais atuais. Conhecer a extensão dessa influência e sua tendência à saúde ou ao desajuste oferece ferramentas de controle e direcionamento da força que ela mobiliza.

Reich, por sua vez, apresentou no meio acadêmico-científico a estruturação e a sistematização de uma psicologia que abrangesse o arcabouço teórico proposto por outros pensadores, Freud, por exemplo, e que também agregasse essas outras abordagens energéticas, tornando o conhecimento do homem mais completo.

Essa sistematização começa a acontecer em 1942, ano em que publica “A Função do Orgasmo”. Se pudesse ser traçado comparativos com o processo cumulativo e de esgotamento que outras teorias já tiveram, poderia concluir-se que em meados do século XX constitui período extremamente recente para a construção de um saber, que está muito longe de ter sido investigado com a profundidade que demanda, e que infelizmente, também se constitui como produto de desprezo e preconceito pelo meio acadêmico, o que acaba por inibir sua exploração de maneira mais espontânea.

Levando em consideração que a partir de Reich e de sua proposta outras teorias tiveram início, cumpre à ciência o papel de se levantar e investigar algumas terapias

corporais e o que propõem, sendo, neste caso a intenção de investigação do presente trabalho.

Há ainda, outro pilar de apoio teórico, que é a Psicologia da Consciência, cujo conceito essencial é a integração das esferas bio, psico, social, sistêmica e transcendental do ser humano, de forma a integrar as dimensões da consciência, permitindo, como consequência, mais saúde, qualidade de vida e bem estar integral.

Essa abordagem psicológica sustenta a linha de reflexão deste trabalho, na medida em que se pauta nos pressupostos da Física Quântica, anteriormente citados.

A Psicologia da Consciência está embasada no princípio de que o ser humano é um compêndio de campos de energia dentro de configurações específicas: corpo físico, mental, emocional, intencional e sutil, com informações interativas, estando em constante transformação em um processo de desenvolvimento, não localidade e evolução. A função da consciência é de desvelar seu lado não consciente e compreender a realidade como um todo e não somente as partes e suas nuances, mas numa totalidade, aprender a conhecer, a ser, a fazer e a se relacionar. (Borine, 2007)

1.1 Objeto de Estudo

O presente trabalho pretende ser um estudo exploratório, inserindo-se desta forma na categoria de pesquisa teórica.

Cabe apresentar que o objeto desta pesquisa será a psicoterapia corporal, considerando psicoterapia como qualquer das várias técnicas de tratamento de doenças e problemas psíquicos, e, corporal como o contexto de manifestação desses sintomas.

Terapias corporais que trabalhem o sintoma sem, no entanto, crivá-lo também pelo viés emocional e cognitivo não pertencem ao objeto deste estudo.

Cabe observar que as abordagens ocidentais serão o ambiente limite da pesquisa, já que é impossível alegar desconhecimento da pluralidade e exploração dos temas bioenergéticos, dispostos pelo hemisfério oriental deste planeta e seus povos, mas que, por seu extenso arcabouço, merecem um estudo particular.

A abordagem terapêutica, foco deste estudo, é aquela que combina o trabalho com processos energéticos, movimento, postura, expressão emocional, imagens, análise psicológica e experiência relacional; a que lida com a liberação, pelo organismo, das tensões musculares crônicas; a que facilita a aprendizagem da auto-regulação dos afetos, instruindo como lidar com intimidade afetiva e dificuldades sexuais; a que indica como compreender e dissolver formas repetitivas e dolorosas de se relacionar. O processo terapêutico inclui experiência corporal e interação da cognição e emoção.

"Quando você não tem palavras para seus sentimentos, para o que lhe aconteceu, para o que está faltando em você, ouvimos a sua ressonância interna - os segredos silenciosos - que vivem em seu corpo. Ajudamos a sentir e amplificar esta ressonância interna até que o seu movimento esteja suficientemente próximo da superfície para penetrar na consciência." (Robert Lewis, M.D)

Nesse contexto e delimitação de objeto algumas terapias serão investigadas como Psicoterapias Corporais. São elas: Reich e a Psicologia do Corpo, Análise Bioenergética, Core Energetics, Biossíntese e Dançaterapia.

1.2 Justificativa

O interesse pelo tema das abordagens corporais surgiu pela percepção, cada vez maior, do interesse das pessoas na ampliação de possibilidades de experiência, no desenvolvimento de novos sentidos de vida, e no aumento da capacidade de contato consigo mesmas, com os outros, e com os acontecimentos.

Estas novas demandas aliadas às frustrações impostas pelas limitações do trabalho clínico tradicional, que por mais de 200 anos ignorou que o personagem humano se move – e seu movimento é uma linguagem completa e complexa, ao seu modo tão elaborado quanto a linguagem verbal, duas formas de expressão que não podem ser postas em confronto, muito menos em competição, inspiram a busca de novas formas de atuar junto ao cliente.

Um estudo profundo da consciência passa, necessariamente, pela análise do corpo e da energia.

“A análise bioenergética baseia-se no conceito de que uma pessoa é um ser unitário e que o que acontece na mente deve também estar acontecendo no corpo.”

Lowen, 1910

Conceber o homem em sua total integralidade e defini-lo por apenas uma abordagem de linguagem verbal é pobreza, e envolve mudez irremediável em numerosas

áreas essenciais. Parodiando Gaiarsa (1995), quem não sabe compreender a linguagem corporal é um cego e um surdo no que tange à comunicação com o outro.

Se para uma compreensão mais abrangente e real do homem é preciso conhecer sua linguagem verbal e corporal, proporcionalmente se faz necessária a recuperação das teorias já propostas sobre o tema. Recuperar a história permite a compreensão, em profundidade, do que constitui o presente, e serve como ponto de partida, por compor-se de arcabouço cumulativo, para novas propostas teóricas.

1.3 Um resgate histórico das psicoterapias corporais.

O surgimento das terapias corporais, no Brasil, na década de 80, compõe uns movimentos mais amplos, que poderia ser nomeado de “cultura alternativa”, que se insere no movimento da contracultura.

Esta questiona o paradigma intelectual vigente e tem duas características opostas, porém presentes em seu contexto: a) a crítica ao dualismo corpo/mente, razão/emoção, dominantes no pensamento científico; b) estilo de vida produzido por sociedades capitalistas – consumismo, materialismo, adiamento do prazer em nome do trabalho, repressão dos sentimentos e da sexualidade, etc. Preconiza uma maior visão do todo em relação às partes (visão holística); uma localização do poder por toda a teia social, não mais exclusivamente no estado (uma política do cotidiano); um olhar mais crítico às várias instituições da sociedade (família, escola, hospício, hospital, etc.); além de uma tendência mais mística e espiritual.

As medicinas paralelas surgem como práticas favorecidas por essa cultura alternativa, tendo especial destaque a Homeopatia, os florais de Bach. Não preterizando as medicinas orientais como Acupuntura, Shiatsu e Do-in, ou ainda, as técnicas de Consciência Corporal, além de inúmeras práticas esotéricas ou místicas. Todas com uma fundamentação teórica e terapêutica abordando a natureza e a energia.

Inseridas nesse contexto alternativo, as terapias corporais representam um recorte específico, porque abrigam em seu campo atuantes profissionais da psi, indicando que se

processa um trabalho ‘*no*’ corpo e ‘*com*’ o corpo, e se apoiando na idéia de que os conflitos psicológicos se enraízam no corpo, se expressando através de algumas posturas, pressões, espasmos musculares ou de somatizações. Desses pensamentos derivam as crenças que não apenas é viável, mas absolutamente necessário, atuar sobre o corpo para resolver queixas, problemas e doenças de natureza psicológica. Isso aparece em maior ou menor grau nas proposições de Reich, que já aos vinte anos de idade, havia postulado em sua “Teoria do Orgasmo” que uma vida sexual satisfatória ao nível genital seria condição indispensável para uma saúde mental duradoura.

Nos anos 70, José Ângelo Gaiarsa e Roberto Freire foram nomes expressivos dessa abordagem aqui no Brasil, porém, sem vinculação a nenhuma corrente reichiana ou neo-reichiana. Podem ser considerados autodidatas, tendo sido responsáveis por sua própria formação e construído métodos próprios de trabalho, além de possuírem vários livros publicados.

Destaque nesta trajetória merece o casal argentino Martha Berlím e Emílio Rodrigué, que irradiaram o movimento em Salvador e lá promoveram “vivências”, “maratonas” e “workshops”, além de terapia e formação para profissionais de outros estados. Curiosamente, o núcleo baiano foi inicialmente reichiano, para depois transitar nas psicanalíticas e lacanianas.

O primeiro simpósio do tema contou com 900 pessoas e foi realizado no Espaço Psi, no Parque Lage, Rio de Janeiro, em 1980. Os temas contemplaram diversas abordagens: Bioenergética, Gestalt Terapia, Psicodrama, Técnicas de Alimentação e Respiração (pranayamas). Nessa mesma oportunidade surgiu uma conferência: “Orgonoterapia: a proposta Reichiana”. Esse simpósio ficou marcado pela difusão das terapias corporais e pelo ecletismo, pela convivência pacífica entre diferentes tipos de abordagens e por uma maior imersão no complexo alternativo já que a programação do evento incluía além da bioenergética, algo mais genérico como “vivência corporal”, variadas práticas como “do-in”, “massagem e medicina natural”, “tai-chi”, “respiração e alimentação”, além dos serviços de uma cartomante.

O segundo simpósio ocorreu no mesmo local, no ano seguinte e contou com a mesma frequência de pessoas. Mas seu tema oficial já revela sua proximidade com terapias

corporais: “A política do corpo”. “A programação continuou eclética e pouco específica contando com trabalhos como “vivência corporal”, “liberação energética”, experiência corporal em grandes grupos”, “atenção corporal interna”, “neurose e biodistensão”, “vivência corporal em orgonoterapia e bioenergética - workshop”, “experiência corporal”, “respiração e manifestação energética, “dança e bioenergética”. Novamente nota-se a fluidez de fronteiras e a preferência por designações genéricas ou pouco específicas.

Em 1982 ocorreu o terceiro simpósio no Colégio Bennett, também no Rio de Janeiro, e teve como tema “Expressões de Vida – corpo e mente em transformação”. Novamente os títulos inespecíficos e genéricos foram maioria, mas as terapias corporais tiveram presença maciça entre vivências e práticas, o que não apresenta nenhuma novidade já que sua formulação contempla valorização da prática, do movimento e da ação, em detrimento do corpo teórico.

O quarto simpósio foi realizado em 1983, sediado no Rio de Janeiro também, cujo tema foi: “Psicologia, Educação e Transformação”. Porém o público foi muito inferior aos eventos anteriores, e provocou prejuízo à equipe organizadora.

Um segundo momento da evolução das terapias corporais pode ser observado com o I Ciclo Reich, em 1982, seis meses depois do terceiro simpósio Alternativas no Espaço Psi e promovido pelo mesmo grupo organizador dos simpósios. Nesse ciclo, embora fosse possível encontrar alguns temas mais genéricos ou algumas misturas de práticas diferentes, a temática tornou-se mais técnica e mais precisa, com uma definição mais rigorosa dos assuntos a serem abordados.

Em 1983 foi criado o CIO – Centro de Investigação Orgonômica Wilhelm Reich, que foi às primeiras instituições organizadas, formalizadas e legalmente constituídas para formação e treinamento de orgonoterapeutas. Contava com um rigoroso programa de formação de cinco anos de duração, nos moldes das sociedades psicanalíticas. A fundação dessa instituição inaugura a fase de transformação do que antes se traduzia num campo profissional disperso e heterogêneo, num corpo definido como *números clausus*, ou seja, de critérios de entrada e permanência na ocupação, por parte de um grupo ou de alguns grupos de terapeutas corporais. A formação apresentava uma série de controles institucionais para preservar o título de orgonomista, conferido ao final do curso. Assim, mesmo não sendo

expresso de maneira ostensiva, quem se formava pelo CIO diferenciava-se do restante. Dessa forma aprofundou-se a diferença entre “os que eram por lá certificados”, e os que não eram. A definição do CIO estimulou e pressionou, mesmo não sendo esse seu objetivo, a definição dos menos preocupados com isso. Começaram a surgir outras instituições: o Instituto de Orgonomia Ola Raknes (1989-1995), o Centro Brasileiro de Biossíntese e a Sociedade de Análise Bioenergética do RJ. Vieram outras instituições, como o ICIOR/Hólon, mas estas não foram as mais representativas do ponto de vista do ideário.

Da mesma maneira que os lacanianos preconizavam uma “volta a Freud” justificando que suas idéias estariam sendo desvirtuadas pelos pós-freudianos, também, os críticos das terapias neo-reichianas pediam uma volta a Reich e a seus textos, buscando estabelecer uma ortodoxia que teria a função de legitimar.

Ao afastamento de um passado eclético, onde a indefinição em termos de formação e de ocupação dominavam, estabeleceu-se uma correspondência com a Psicanálise em seu *modus operandi*. O setting praticado pelos profissionais no Instituto de Orgonomia Ola Raknes assemelhava-se ao setting psicanalítico em termos de sua disposição física, inclusive pelo uso do divã. Iniciou-se uma ênfase à terapia individual em detrimento dos workshops e maratonas praticadas na fase anterior.

Embora proclamem os limites da Psicanálise, por lidar apenas com a palavra, os orgonoterapeutas enfatizam que Reich era psicanalista e defendem o estudo da Psicanálise para quem quer ser orgonoterapeuta. Eles afirmam que Reich nada mais fez que dar continuidade ao trabalho de Freud, onde este interrompeu. Desta forma, a Orgonoterapia partiria da Psicanálise e a ultrapassaria. Assim a Psicanálise permaneceu como termo de comparação para os novos terapeutas, estabelecendo uma relação de paradigma opositor ao qual as novas práticas se definiram. E, posteriormente, transformou-se num padrão a ser seguido, possibilitando a definição de fronteiras claras, no complexo caótico e indefinido das práticas corporais, utilizando a ortodoxia como critério inclusivo no universo dos autorizados.

No meio acadêmico, alguns dados obtidos em uma pesquisa histórica realizada sobre os currículos dos primeiros cursos de formação em Psicologia na cidade de São Paulo que tomou corpo por ocasião da divulgação da temática do VI Encontro Clio-Psyché -

“Corpo: Psicologia e História”, tentou recuperar a história do corpo ao longo da existência humana, para entender sua inserção no campo da Psicologia. Baptista (2005), autora da pesquisa, encontrou diferentes construções culturais encontradas ao longo do tempo, não só ligadas ao corpo, mas também às relações mente e corpo.

Nessa oportunidade pode, então, observar, no campo da educação brasileira, que a questão do corpo é ignorada nos currículos escolares e, quando há referência à educação física, seu objetivo é freqüentemente a disciplina corporal, considerada necessária para o trabalho intelectual. Ocorrendo isto, também, nos currículos dos cursos superiores, quando freqüentemente a disciplina é incluída em função da obrigatoriedade legal, e realizada pelos alunos também de uma forma pouco significativa.

Ao estudar a pré-história do curso de Graduação em Psicologia, que funcionou na Faculdade Sedes Sapientiae em São Paulo, de 1962 a 1974 importante do núcleo de formação psicanalítica, Baptista notou a existência de ofertas de disciplinas que incluíam uma perspectiva de valorização corporal, tanto no Curso de Graduação em Pedagogia (iniciado em 1933) e no curso de Especialização em Psicologia Clínica (iniciado na década de 50), quanto no de Graduação em Psicologia, iniciado na década de 60. Mesmo considerando que tivesse havido um movimento social de redescoberta e valorização do corpo - já que na Europa e E.U.A desde a década de 20 já se conhecia o Psicodrama e, a partir de 30, a Gestalt Terapia -, não seria, segundo ela, comum encontrar tais experiências contidas em currículos universitários no Brasil. Baptista levantou que os cursos regulares de Psicologia oferecidos pela Universidade de São Paulo, por exemplo, só incluíram a disciplina “Psicomotricidade” a partir de 1972.

Tentando entender esse movimento, ela buscou em Morin (1984) uma explicitação para o fenômeno. Segundo ela, para este autor, as transformações de valores que ocorreram notadamente a partir dos movimentos de contestação juvenis e femininos, e principalmente a chamada cultura de massa, que passou a influenciar o mundo inteiro, a partir do final da segunda guerra mundial, levaram a uma liberalização dos costumes e a uma valorização do corpo. Ele ou partes dele passaram a ser utilizado como veículo de publicidade nos meios de comunicação de massa. Essa talvez poderia ser a explicação possível para entender por que nesse período se dá essa valorização e exposição do corpo.

A pesquisa de Baptista na Faculdade Sedes Sapientiae em São Paulo, foi realizada a partir de várias fontes. A primeira delas foram os chamados “Relatórios Anuais de Atividades”. Nesses relatórios, ela encontrou os currículos e programas dos cursos e os nomes dos professores responsáveis pelas disciplinas, assim como as atas de reunião da Congregação, do Conselho Técnico Administrativo e do Conselho Departamental. As atas lhe trouxeram informações sobre a contratação de professores, escolha de monitores, decisões referentes à construção ou reforma de imóveis; eventos sociais, concursos, realização de bancas de titulação, reivindicações de alunos, organização de cursos, aprovação dos mesmos, participação dos docentes em encontros. Outra fonte de informação em forma de documento foram as entrevistas e depoimentos de professores e alunos, publicados em jornais e revistas ou gravados em vídeo. Além desses dados, que foram analisados documentalmente, foram também realizadas algumas entrevistas com ex-professores e alunos que lecionaram e/ou estudaram na instituição no período pesquisado. A pesquisa citada trouxe várias informações pertinentes à relação corpo-mente e os currículos acadêmicos, no entanto, para este trabalho cabe destacar que o curso “Formação Reichiana”, na Faculdade Sedes Sapientiae em São Paulo, se iniciou com a denominação “Abordagem corporal”, e foi posteriormente chamado “Psicoterapia Reichiana”. Os primeiros profissionais a trabalhar eram os mesmos que atuavam com essa perspectiva nos atendimentos clínicos ligados ao curso de graduação. O grupo responsável pelo mesmo, em 1997, mencionou as transformações que ocorreram tanto no corpo docente quanto nos enfoques adotados, caracterizando que no momento da publicação o projeto estava fundamentado nas “idéias político-clínico-sociais de Wilhelm Reich”. Segundo a autora da pesquisa, atualmente, denomina-se “Clínica Reichiana Contemporânea”, propondo-se a discutir outros autores neo-reichianos - Lowen, Boadella Boysen, Kelleman, Navarro, Pierrakos.

II. METODOLOGIA

Tanto o estudo que realiza umas pesquisas teóricas, quanto a dissertação que realiza uma pesquisa empírica, podem ser classificados em três tipos: o estudo de caso contextualizado, o estudo exploratório ou o estudo bibliográfico. A definição desses tipos toma por critério a relação do desenvolvimento da pesquisa com o conhecimento acumulado na área temática que ela trabalha. Tal classificação não esgota todas as possibilidades para a elaboração de uma dissertação, mas é útil para orientar o estudante.

O estudo exploratório versa sobre um tema relativamente recente, sobre o qual ainda não se acumulou uma bibliografia significativa. Nesse tipo de estudo, o que contam são as informações novas levantadas pelo estudante, e não o diálogo com o conhecimento acumulado, que ainda é pouco expressivo. O estudante pode realizar um levantamento descritivo, mais ou menos livre, sobre o seu tema. Deve, contudo, tomar por referência alguns conhecimentos prévios mínimos, para definir qual é o interesse e a pertinência dos fatos levantados. A proposta de um estudo exploratório deve apresentar, na sua introdução, as razões que justificam a opção por esse tipo de estudo para o caso do tema que toma como objeto.

2.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem por objetivo geral, dentro das exigências da metodologia científica e do rigor metodológico, a conceituação de Psicoterapias Corporais no contexto da Psicologia da Consciência.

2.2 Objetivo Específico

Elencar, conceituar, contextualizar e descrever Reich e a Psicologia do Corpo, Análise

Bioenergética, Core Energetics, Biossíntese e Dançaterapia, que são psicoterapias corporais existentes, posteriores a Reich e desenvolvidas no ocidente.

2.3 PSICOTERAPIAS CORPORAIS

Faz-se necessário definir terapias corporais para o aprofundamento adequado na exploração de algumas delas.

Segundo o Cabral & Nick (2003), psicoterapia consiste na aplicação de técnicas especializadas ao tratamento de distúrbios mentais ou aos problemas de ajustamento cotidiano. O termo inclui diversas técnicas freqüentemente empregadas por especialistas de várias formações teóricas, entre as quais se destaca a Psicanálise – quer em sua forma clássica, iniciada por Freud, quer em todas as demais formas dela derivadas segundo conceitos freudianos que tenham sido modificados ou abandonados pelos psicanalistas de outra corrente: Jung, Adler, Rank, neofreudianos.

Moreno (apud Perazzo 1998) diz que psicoterapia é o ato de cuidar da criança machucada que cada um carrega dentro de si mesmo.

Bechelli & Santos (2002) entendem que psicoterapia é uma técnica destinada a toda e qualquer pessoa que pretenda expandir sua autoconsciência, e não apenas às consideradas doentes. Basta lembrar que, em seu sentido etimológico, psicoterapia é cura da alma e, concluem que como tal, pode beneficiar todo aquele que deseja aprofundar o conhecimento de si mesmo, a partir do contato interpessoal.

Quando define psicoterapia, Wolberg (apud Bechelli & Santos, 2002), salienta que o processo psicoterápico tem por objetivo modificar padrões de comportamento inapropriados que dificultam o processo de desenvolvimento pessoal.

Psicoterapia corporal seria aquela que atende aos pressupostos descritos anteriormente, porém, seu percurso contempla o corpo.

Para a psicoterapia corporal, corpo e subjetividade são partes de uma unidade. O modo de ser do sujeito, aliado à sua estrutura corporal, define como é sua dinâmica e sua maneira de ser e estar na vida.

Outros autores também salientam essa idéia, Teixeira (set. 2003 – fev.2004, p. 46):

A alma e o corpo são isonômicos: expressam as mesmas leis e os mesmos princípios (identidade de “conexão” cf. Deleuze, 2002, p. 74 ss.)

Espinosa (apud Gonçalves, 2008), defende que isso ocorre porque alma e corpo constituem um único e mesmo indivíduo, assim como a substância pensante e a substância extensa são uma única e mesma substância, cada qual apreendida desde o seu atributo. A alma saberia imediatamente do corpo, sem que esse saber se modificasse ao perceber-se “separada” do corpo. “Separá-la” do corpo seria, para Espinosa, só um modo de tratá-la em abstrato, enquanto ela seguiria, de fato, acoplada ao funcionamento do corpo. Lowen (1997), propõe que todas as vivências e experiências do indivíduo estariam, então, inscritas em seu corpo, através dos seus movimentos, relacionamentos, em sua vitalidade, tensões, etc. No corpo estaria registrada a história, que refletiria a subjetividade individual.

A Psicoterapia Corporal é, portanto, a facilitadora dos processos criativos e de expressão, ampliando a espontaneidade, autopercepção e desbloqueando a energia vital. É esta energia que forma a vitalidade e gera possibilidades para a criatividade e conseqüentemente prazer. Ela concebe cada indivíduo como único, assim cada um terá produtos criativos e únicos. Como são resultado da necessidade e desejo causam sensação de prazer. O ato criativo é definido como qualquer forma de expressão que traz novos significados à vida. Neste sentido amplo, e congruente com o objetivo de terapia ou do processo terapêutico, descrito anteriormente, cada ato de uma pessoa pode ser uma oportunidade para a expressão criativa (Lowen, 1984).

2.3.1 REICH E A TERAPIA DO CORPO

"A vida brota a partir de milhares de fontes vibrantes, entrega-se à todos que a agarram, recusa-se a ser expressa em frases tediosas, aceita apenas ações transparentes, palavras verdadeiras e o prazer do amor (...)" Wilhelm Reich (1939), em "Beyond Psychology", Ed. Farrar, Straus and Giroux, 1994

Reich pode ser considerado o precursor da Psicoterapia Corporal ou Psicoterapia do Corpo. Suas contribuições nessa área são significativas e representam um marco para a valorização do corpo nas abordagens psicoterapêuticas.

Para uma melhor compreensão de suas propostas, é interessante conhecer a história de Reich, correlacionando seu contexto de vida, suas vivências ao interesse corporal e sexual da psique.

Wilhelm Reich nasceu em 24/03/1897, em Dobrzanica na Áustria (hoje parte da Polônia), em uma família de judeus germanizados. Pouco depois, a família mudou-se para sul, para a região da Bukovina, onde o pai foi administrar uma grande fazenda em Jujinetz. Reich foi educado segundo a cultura alemã e os seus pais, Leon e Cecilie Reich o mantiveram sempre afastados da população. Até aos 13 anos teve professores particulares, seguindo, posteriormente, estudos no liceu de Czernowitz.

Desde cedo viveu na fazenda e em contacto com a natureza, o que despertou o seu interesse pelos fenômenos e funções naturais. Em sua autobiografia, Reich conta que aos quatro anos já sabia o essencial sobre a sexualidade animal e humana, e que nessa idade tentou intimidade erótica com uma criada. Aos doze anos já tinha relações sexuais com as moças da fazenda.

Em 1909, durante as freqüentes viagens de Leon, Cecilie teve um caso com o professor dos filhos, o que viria a ser descoberto no início de 1910, com a ajuda do involuntário testemunho do Wilhelm. A partir de então, Leon passou a atormentar e a

humilhar diariamente a sua mulher de tal forma que ela acabou por cometer suicídio em 29 de Setembro de 1910, o que marcaria eternamente a vida de Reich.

Em 1914, o pai contraiu uma pneumonia que degenerou em tuberculose e morreu, deixando Reich e seu irmão Robert sozinhos e com a fazenda cheia de dívidas. Apesar de tudo, Reich prossegue os seus estudos - mas no ano seguinte, com a I Guerra Mundial, a fazenda foi invadida e destruída pelos Russos. Reich então fugiu para Viena, onde entrou para o exército austríaco, chegando ao posto de tenente.

Com o final da guerra em 1918, ingressou no curso de Direito, mas logo transferiu-se para a Faculdade de Medicina, aluno superdotado, completou o curso de seis anos em apenas quatro. Em 1919, tem seu primeiro contato com a psicanálise em um seminário de sexologia proferido por Otto Fenichel.

Identificou-se com o tema abordado instantaneamente, dedicando-se a psicanálise por catorze anos.

Após se formar em 1922, iniciou seus trabalhos com o tratamento de pacientes com distúrbios mentais, na Universidade Neurológica e Psiquiátrica, junto a Paul Schilder. Incluiu no tratamento técnicas de hipnose e de psicoterapia.

Em 1924, fez sua pós-graduação, sendo membro integrante da sociedade psicanalítica de Viena, até 1930.

Mello (2003) nos diz: “A grande preocupação de Reich, dado seu entusiasmo e convicção, era de assentar em bases físicas e biológicas a teoria da sexualidade de Freud. No âmbito da economia libidinal, Reich foi o mais radical psicanalista. Abraçou a teoria econômica de Freud e procurou provar a existência físico-química da libido, intuída pelo mestre. Desta procura resultaram as teorias da função do orgasmo e da formação do caráter.”

A ruptura de Reich com a API, Associação Psicanalítica Internacional, em 1934, apresenta até hoje versões diferenciadas. Talvez nunca se tenha uma versão final, mas é importante observar que sua participação ativa na política defendendo questões como aborto, emancipação da mulher, divórcio, sexualidade, contraceptivos, pedagogia

antiautoritária, costumes sexuais atraíram olhares coléricos do movimento nacional-socialista alemão tiveram um peso considerável em seu desligamento.

Reich foi forçado pelo nazismo a sair da Alemanha em 1933, mudando-se para Oslo, na Noruega, onde viveu até 1939. Neste ano transferiu-se para Nova York, cuidando de divulgar suas idéias, agora na língua inglesa e tendo seu "A função do orgasmo" sido neste idioma publicado pela primeira vez em 1942.

Nos Estado Unidos W. Reich criou um instituto para o estudo do "orgone universal" conceito que propõe, em sua teoria, uma energia vital profundamente positiva e regeneradora, presente em todos os seres vivos, que tentou utilizar em tratamentos - inclusive do câncer. Em 1954 passou a ser investigado pela FDA (Federal Food and Drug Administration), que lhe rendeu um processo e posteriormente um aprisionamento, após infrutíferas tentativas de apelação.

Encarcerado desde 12 de março de 1957, morreu de ataque cardíaco em três de novembro do mesmo ano.

2.3.2 ORGONOTERAPIA

A obra de Reich é muito extensa e complexa, e ainda, hoje é produto de preconceito sofrido pelo mundo acadêmico. Reich atribuiu grande importância em desenvolver uma livre expressão dos sentimentos sexuais e emocionais dentro do relacionamento amoroso maduro. Enfatizou a natureza essencialmente sexual das energias com as quais lidava e descobriu que a bioenergia era bloqueada de forma mais intensa na área pélvica de seus pacientes. Ele chegou a acreditar que a meta da terapia deveria ser a libertação dos bloqueios do corpo e a obtenção de plena capacidade para o orgasmo sexual, o qual sentia estar bloqueado na maioria dos homens e das mulheres. Embora divergindo de Freud, deste não se apartou, na compreensão de que toda a psique humana deriva da compreensão das funções sexuais.

Aliás, pode-se dizer que as teorias psicanalíticas funcionaram como apoio à psicologia de Reich, que, não apenas assimilou a teoria do desenvolvimento psicosexual

dos Três Ensaio como também incorporou os conceitos freudianos de pulsão, libido, objeto sexual, meta sexual, pulsões parciais, primazia do genital, fases, zonas erógenas, fixação, regressão, repressão, neurose, perversão, fetiche, impulsividade, sintoma, autoerotismo, apoio, complexo de castração, inveja do pênis, amor de objeto, ambivalência, prazer prévio, sublimação, formação reativa e caráter

Um conhecimento geral da construção da teoria de Reich deve necessariamente, partir da Psicanálise, pois ela representou a primeira concepção teórica que respondia às reflexões de Reich a respeito da sexualidade.

“Eu estou convencido, por minha própria experiência observando os outros e a mim mesmo, de que a sexualidade é o centro em torno do qual gravitam toda a vida social e o mundo interior espiritual do indivíduo – seja em relação direta ou indireta com este centro”
(Reich, 1919)

Dela também derivam as teorias reichianas sobre genitalidade, da função do orgasmo e do caráter do ego.

Mas não foram apenas estas teorias que Reich propôs. Em suas pesquisas apontou para a existência de uma outra energia. Acreditava que a bioenergia no organismo individual não é nada mais do que um aspecto de uma energia universal, presente em todas as coisas que, não obstante, tem características diferentes das outras formas de energias conhecidas, e parece carregar em si mesma uma certa quantidade de informação e organização. Esta energia seria o orgônio - uma energia cósmica presente em tudo e que preenche tudo, com diferentes concentrações, movimentos e formas, uma energia etérea, que produziria nos organismos algumas atividades bioelétricas e biomecânicas.

Movimentos de tensão, carga, descarga e relaxamento, de maneira ininterrupta, constituem a expressão da vida. Essa energia, contida na membrana externa da pele, em pleno movimento de pulsação e ondulação, permitiria o contato profundo da pessoa consigo mesma e com o meio ambiente.

Ele considerava que a “normalidade” é produto cultural, relacionado a uma norma de resposta estatística, “normalidade” não significaria necessariamente “sanidade”.

Pela perspectiva de Reich, “sadio” é o indivíduo que alcançou a maturidade do caráter genital, quando sua carga energética circula sem obstáculos no corpo, cujo metabolismo é estritamente fisiológico.

A conquista desse estado de sanidade parece difícil por meio de qualquer técnica psicanalítica tradicional, mas possível pelo Orgonoterapia.

Nas diferentes terapias colocam, como objetivo, reconduzir o indivíduo a “como” era antes de ficar “doente”, ou seja, não eliminam a potencialidade patológica.

A orgonoterapia, ao contrário, tem como projeto a transformação e o amadurecimento do indivíduo a um nível de funcionalidade energética melhor, eliminando a potencialidade patológica latente. Ela atua na esfera biológica pessoal para reduzir as manifestações patológicas que possam surgir quando os parâmetros ultrapassam determinado limiar.

Como idéias também são expressões peculiares dos mesmos movimentos, anteriormente citados, da energia orgone, na saúde, elas funcionam com identidade e singularidade, e na patologia, como reações ou identificações ao meio ambiente. O movimento e a estrutura do sujeito pensante influenciam o meio, já que a qualidade e a quantidade de sua excitação afetiva sexual são a unidade funcional de seu pensamento.

Reich fala que no organismo desencouraçado, o próprio orgônio do corpo pode reagir ao orgônio externo numa percepção direta, para além dos mecanismos fisiológicos. Porém, uma parte dessa percepção dos fenômenos orgonóticos passa pelas suas manifestações fisiológicas (cor, temperatura, movimentos livres, harmonia da postura, etc.). Essas manifestações fisiológicas não são o fenômeno em si, a energia orgônica não é uma energia que pode ser medida mecanicamente através de tremores de ondas, nem eletricamente nas diferenças de potencial da pele, é muitas vezes maior que essas medidas.

Com a descoberta do orgônio, Reich passou a tratar alguns tipos de câncer, obtendo excelentes resultados. Desenvolveu um aparelho ao qual chamou de cloudbuster, no qual fez experimentos que mostraram ser possível formar ou dissolver nuvens. A partir dessas pesquisas e investigações Reich foi severamente perseguido. Defendia-se dizendo que nunca havia postulado a descoberta da cura do câncer, mas sim, que a terapia pelo orgônio

operava pelo seu efeito de carta sobre os tecidos do corpo, promovendo um fortalecimento da energia do organismo contra a doença.

Infelizmente, por ordem judicial, em 1956, todos os aparelhos desenvolvidos por Reich, referentes às pesquisas e ao acúmulo de orgônio, foram destruídos.

Segundo Volpi (2008), a Orgonomia é ciência que estuda e trabalha com a energia orgônio dentro e fora do organismo vivo. É uma ciência natural que precisa continuar sendo pesquisada. Reich deu os primeiros passos e firmou os primeiros pilares em direção a esse trabalho. Caberia aos pesquisadores atuais seqüenciar a esse trabalho, que ainda carece de muitas pesquisas, já que fazer ciência significa estar sempre descobrindo novos fatos e leis.

2.3.3. ANÁLISE BIOENERGÉTICA

A Análise Bioenergética é uma abordagem terapêutica concebida por Alexander Lowen e John C. Pierrakos no ano de 1956. Sua fundamentação teórica está apoiada nos conceitos reichianos.

Até a década de 1990 teve como espinha dorsal a correspondência somática dos processos psíquicos-emocionais. Objetivando estabelecer a auto-consciência, o auto-domínio e a auto-expressão, Lowen desenvolveu técnicas de intervenção corporal, incluindo o restabelecimento da pulsação e do fluxo energético.

Introduziu a leitura corporal ao estruturar, desenvolver e aprofundar a descrição do funcionamento dos tipos caracterológicos, descritos por Wilhelm Reich, permitindo ao psicoterapeuta compreender a dinâmica energética dos bloqueios ligada ao entendimento da história do paciente.

A Análise Bioenergética pretende uma compreensão da pessoa e de seus problemas emocionais nos termos da dinâmica energética, psíquica e emocional.

Sua meta é desenvolver a habilidade de expressar plenamente o verdadeiro self (auto-expressão). Esta habilidade está correlacionada à auto-posseção, ou seja, poder apropriar-se de seus verdadeiros sentimentos.

Dessa forma ajuda o indivíduo a reencontrar-se com o seu corpo e a extrair o mais alto grau de proveito possível da vida que há nele. Essa ênfase dada ao corpo inclui sexualidade, respiração, movimento, sentimento e auto-expressão. Permite a retomada da natureza primária presente na condição do ser livre, do ser belo. A liberdade, aqui descrita, refere-se à ausência de limitação ao fluxo de sentimentos e sensações e a beleza mencionada, à manifestação da harmonia interna que o fluxo gracioso dos movimentos provoca.

Lowen propôs os conceitos básicos de “Grounding”, “Respiração” e “Sexualidade” e estendeu o conceito da análise do caráter para o físico, mostrando como os tipos caracterológicos são estruturados no corpo.

Com a finalidade de desenvolver um senso de self mais forte, aumentar o sentimento corporal e promover a identificação com sua natureza sexual, sugere o aumento da carga energética do corpo ajudando a pessoa a sentir-se mais conectada com o chão (Grounding), com seu corpo e com a sua sexualidade.

Seus estudos, registrados em seu livro “Narcisismo” analisam a cultura atual enfatizando o consumismo e os valores narcísicos, aonde o “ter” e o “fazer” tornam-se mais valorizados do que o “ser” e o “sentir”.

A Análise Bioenergética busca o resgate da auto-regulação do organismo e a integração dos aspectos físicos, psíquicos, emocionais e espirituais do ser humano.

Sucinta e objetivamente, é importante mencionar que Lowen, um bacharel em Direito, teve, em 1940, contato com Reich num curso sobre análise do caráter, no qual Reich tratava da identidade funcional do caráter de uma pessoa com sua atitude corporal ou couraça muscular. Essa couraça referia-se ao padrão geral das tensões musculares crônicas do corpo. Servia para proteger o indivíduo contra as experiências emocionais vistas por ele como dolorosas e ameaçadoras. Extremamente impressionado com os novos conceitos, Lowen tornou-se aluno de Reich de 1940 a 1952 e seu analisando de 1942 a 1945.

Em 1945, Lowen atendeu seu primeiro paciente, utilizando as técnicas de Reich. Deixou Nova York em 1947 e foi para Genebra, cursar medicina, titulando-se em 1951.

Em 1953 Lowen associou-se ao Dr. John Pierrakos, que havia feito terapia reichiana e era, também, seguidor de Reich. Em 1956, ambos Lowen e Pierrakos criaram o Instituto de Análise Bioenergética.

Caso os elementos presentes na abordagem da Bioenergética pudessem ser destacados e transpostos de forma isolada, as presenças conceituais seriam as seguintes:

A) A ENERGIA

A energia está envolvida em todos os processos vitais: nos movimentos, sentimentos e pensamentos. Ela surge da combustão dos alimentos. A quantidade de energia que um corpo possui e como ele a utiliza determinará e refletirá em sua personalidade. O aumento de energia ocorre pela ampliação da respiração, dos movimentos, da fala e dos olhos. A respiração mais profunda abre a garganta, recarrega o corpo, ativa emoções reprimidas, facilita a expressão dos sentimentos ou evidencia o medo.

O trabalho da Bioenergética com o conceito de carga-descarga, opera como uma unidade, permitindo o aumento do nível de energia do indivíduo; em consequência, este libera a sua auto-expressão e restaura o fluxo de sentimentos do seu corpo; é preciso haver um equilíbrio entre carga e descarga de energia, sendo que, proporcionalmente, a quantidade de energia absorvida está ligada à quantidade que pode ser descarregada. A ênfase, neste caso, é dada à respiração, ao sentimento e ao movimento, aliada à tentativa de relacionar o funcionamento energético atual com a história do indivíduo.

À medida que o sangue flui pelo corpo, transporta metabólitos e oxigênio para os tecidos, fornecendo-lhe energia e removendo os produtos residuais da combustão. O sangue é o fluido energeticamente carregado do corpo. Além do sangue, existem outros fluidos energéticos no corpo: a linfa, os fluidos intersticiais e os intracelulares.

B) CORPO

O corpo é um sistema energético que está em interação simbiótica com o meio ambiente, na qual um influencia o outro. Ele é veículo de três características básicas na vida de um indivíduo:

Respiração - Pela respiração conseguimos o oxigênio para o metabolismo. O foco da Bioenergética dirige-se para ajudar a perceber e liberar tensões que o impedem de

respirar naturalmente. Os movimentos respiratórios são como ondas, sendo que a onda inspiratória começa no fundo da pelve e flui para cima até a boca. A onda expiratória começa da boca e flui para baixo.

Movimento - O corpo vivo está em constante movimento; resulta de um estado de excitação interna que irrompe continuamente na superfície em movimento. Quanto mais a excitação cresce, mais movimento há. A vibração deve-se a uma carga energética na musculatura. A atividade vibratória é uma manifestação da motilidade inerente ao organismo: essa motilidade é involuntária. Um corpo vitalizado vibra e pulsa. Os movimentos voluntários e involuntários estão coordenados para produzir um comportamento harmônico e efetivo.

Som - Quando o corpo vibrante emite som, há energia posta em movimento. A respiração também está vinculada à voz; para produzir som você precisa deslocar ar através da laringe. O som ressoando no corpo causa uma vibração interna similar às que induzimos na musculatura.

C) ORGANISMO

A teoria reichiana diz que a "existência do organismo vivo está ligada à sobreposição de dois sistemas orgonóticos de sexos diferentes".

No organismo, o organismo vivo não é mais do que uma parte da natureza a vibrar; logo, o organismo é uma parte do Cosmos. O processo energético das coisas vivas ocorre pela pulsação. Entende-se por pulsação a capacidade do organismo vivo de se movimentar expandindo e contraindo, em determinado ritmo. A manifestação mais evidente desta força vital nos seres humanos é o movimento de expansão e contração que ocorre durante o ato de respirar. Na verdade, todas as células vivas respiram. Esta é a atividade pulsante básica da vida. A pulsação e o movimento para dentro e para fora de todas as formas de vida iniciam no nível celular.

O organismo é unitário, tem movimento de polaridades (dentro/fora, em cima/embaixo, corpo/mente, contração/expansão). O organismo pulsa, é vivo, é energético.

Um organismo é um ser. Cada ser é seu corpo. Através do corpo você se expressa e se relaciona com o mundo. Um organismo seria composto dos seguintes elementos:

Corpo – refere-se à existência manifesta de um organismo

Psique - inclui os processos mentais conscientes e inconscientes.

Soma – refere-se aos processos físicos

Mente – diz respeito à experiência interna do organismo.

D) *GROUNDING*

Grounding, na Análise bioenergética, é conhecida como a sensação de contato entre os pés e o chão, que representa o contato de um indivíduo com a realidade básica de sua existência. Há diferentes graus de contato com o chão; se a pessoa estiver firmemente plantada na terra, identificada com seu corpo, ciente da sua sexualidade e orientada para o prazer, dizemos que esta pessoa está grounded.

O grounding consiste em quatro funções:

- contato com o corpo;
- contato com a terra;
- contato com o psiquismo;
- contato com a sexualidade.

O contato com o corpo envolve a liberdade de movimentos em todas as modalidades de expressão. A pessoa que tem pés firmes no chão caminha graciosamente e pode expressar a agressão e o amor com movimentos apropriados.

Estar em contato com a terra significa dizer que a pessoa pode permitir que a energia flua de si para a terra e vice-versa. É a energia movendo-se de cima para baixo e de baixo para cima, como uma onda pulsante.

No entanto, os contatos com o corpo e com a terra são incompletos se a pessoa conhecer seu caráter e puder integrar estas novas experiências ao seu passado. É preciso um conhecimento emocional daquilo que o corpo está expressando, tanto físico quanto psiquicamente, e que se entenda o que isso significa em termos de que é a pessoa e por que se tornou desta maneira. Ninguém pode se firmar no chão e nem trabalhar o passado sem esta compreensão.

E) A SEXUALIDADE

A função do organismo é ser a principal via de descarga para o excesso de excitação energética e, por isso mesmo, uma das funções do prazer primário do organismo. Quando a pele está bloqueada, o indivíduo não consegue ficar completamente firme no chão. Para estar adequadamente grounded o ser precisa estar respirando livremente, fazendo contato com os olhos e expressando-se através da voz, do movimento e da sexualidade, ou seja, precisa estar em contato com o seu verdadeiro self.

F) CARÁTER

Caráter é a atitude básica com a qual o indivíduo confronta a vida, segundo Alexander Lowen. É o modo típico de uma pessoa conduzir sua busca de prazer. Além de ser, indiscutivelmente também, a forma com a qual o indivíduo reage em defesa à dor. É, portanto, uma forma peculiar, repetitiva e habitual de resposta que estabelece, congela e estrutura uma atitude psicológica, emocional e corporal do indivíduo diante do mundo. Sintetizando, é a forma como a pessoa se reconhece e é reconhecida.

O caráter descreve uma realidade objetiva. Ele pode ser facilmente observado por outros, mas somente com grande dificuldade é que o próprio indivíduo se conscientiza do seu caráter, pois ele está muito identificado com este, ele o toma como o seu "jeito de ser".

Portanto, sua energia não está totalmente disponível para a vida, mas grande parte dele está direcionada para se defender, ou seja, para construir e dar manutenção a uma estrutura de caráter. Nesse sentido, na medida em que torna o indivíduo menos flexível diante de situações novas, toda estrutura de caráter é patológica, pois limita a possibilidade deste se entregar aos seus sentimentos e de responder de forma mais espontânea aos estímulos de prazer e de dor.

O caráter estrutura-se no nível corporal sob a forma de tensões musculares crônicas, as quais bloqueiam ou limitam os impulsos em seu trajeto até o objetivo ou fonte. O caráter também é uma atitude psicológica que se escora num sistema de negações, racionalizações, projeções voltadas para a concretização de um Ego ideal.

A relação da identidade funcional do caráter psíquico com a estrutura muscular é a chave da compreensão da personalidade, já que permite ler o caráter a partir do corpo e

explicar uma atitude corporal por meio de seus representantes psíquicos, e vice-versa. O caráter de um indivíduo, manifestado pelo seu padrão característico de comportamento, é também delineado no nível somático, pela forma e movimento do corpo. Nossa postura corporal corresponde à nossa atitude perante a vida.

Weigand, em seu estudo sobre o panorama atual da Análise da Bioenergética, apresentado no III Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais, em Curitiba, em 1998, e também publicado na Revista Reichiana no. 8, 1999, diz que essa abordagem é uma teoria em constante evolução. Indica que nos últimos anos, depois da aposentadoria do Dr. Lowen, a Análise Bioenergética tem passado por revisões teóricas, tanto no Brasil como nos Estados Unidos e na Europa, revisões que levam à integração com a visão tradicional da psicologia e das neurociências.

Segundo Weigand (1999), o trabalho contínuo na clínica se desenvolve a partir da adaptação das técnicas de psicoterapia corporal aos novos conhecimentos trazidos pelas pesquisas recentes em nessa área, apontando como algumas das tendências atuais da Análise Bioenergética:

- Desmitificar a teoria, separar a teoria do mito-pessoa Alexander Lowen.
- Desenvolver pesquisas para validar a eficácia das diferentes intervenções psicoterápicas.
- Avaliação crítica dos conceitos teóricos e da prática clínica, buscando discriminar o que é realmente útil para aquele cliente em particular.
- Busca de abordagens adequadas para o tratamento de pacientes borderlines, tanto da estrutura de caráter borderline, quanto dos estados de perda de limites que aparecem em estruturas rígidas quando se desmancham corações e se perdem referenciais externos organizadores do senso de identidade.
- Abordagens para tratamento da Síndrome do Pânico Multidisciplinaridade.
- Deselitização da terapia - Clínicas Comunitárias: atendimento psicoterápico a preço reduzido ou até simbólico.

- Análise Bioenergética além dos consultórios: Educação - grupos para professores e Orientadores, Comunidade, Grupos Psicossomática, Grupos de Suporte para Profissionais de Ajuda, Educação Sexual para Excepcionais, Análise bioenergética para Empresas.
- Espiritualidade do Corpo / Corporificação do Espírito.

2.3.4 BLOSSÍNTESE

A Blossíntese foi concebida pelo psicoterapeuta inglês David Boadella, na década de 70. Boadella estudou análise do caráter e vegetoterapia com Dr. Ola Raknes, dedicado colaborador norueguês de Reich. Estudou neuropsicologia e embriologia na "Open University". Trabalhou por muitos anos como tutor em psicologia humanística na "Antioch University International".

Além de Raknes, David Boadella sofreu influências de Gerda Boyesen, Alexander Lowen e Stanley Keleman na área de energia libidinal, de Otto Rank e Francis Mott na experiência pré-natal e por Melanie Klein e Frank Lake nas relações objetais e de mãe e filho.

Trabalhando, pesquisando e observando, Boadella percebeu que a Psicologia Corporal, original, proposta por Reich, estava sendo reduzida a manipulações mecânicas, numa atitude totalmente opostora ao que preconizava Reich – o contato humano na relação terapêutica.

Sob as influências anteriormente citadas, propôs a Blossíntese, que pode ser explicada como “integração da vida” e se refere a processos específicos de autoformação que promovem o crescimento orgânico e o desenvolvimento pessoal e espiritual.

O eixo da Blossíntese é a existência de três correntes energéticas fundamentais no corpo associadas às três camadas de células germinativas no embrião (ectoderma, mesoderma e endoderma), a partir das quais se formam os diferentes órgãos. Estas correntes energéticas se expressam da seguinte forma: a) como fluxos de movimento através dos músculos; b) como fluxos de percepções, pensamentos e imagens através do

sistema nervoso; c) como fluxos da vida emocional no centro do corpo, através do sistema vegetativo.

Em um estado saudável ou maduro, todo este processo acontece de forma harmoniosa. Porém, tensões e traumas experienciados na vida intra-uterina e extra-uterina podem interferir na integração destas três correntes e o seu fluxo adequado, provocando o surgimento de uma patologia.

Nessa forma de terapia, o corpo é trabalhado utilizando como base os princípios da embriologia funcional, integrando e coordenando padrões de respiração, tônus muscular e de expressão emocional, conectando assim três áreas fundamentais da nossa qualidade humana: a) nossa existência somática; b) nossa experiência psicológica; c) nossa essência fundamental.

A Biossíntese está embasada no princípio do crescimento orgânico, trabalhando com movimentos como formas ondulantes da respiração para liberar intencionalidades bloqueadas e estimular novas corporificações da psiquê, as quais nominam-se posturas da alma. Coloca ênfase nas qualidades presentes no cliente, assim como na função da ressonância, da presença orgânica e do encontro terapêutico.

O princípio bioespiritual da Biossíntese se volta ao aspecto da compaixão pelo outro, da empatia, fundamentada num contato claro, baseado nas qualidades essenciais da existência diária.

*"O contrato do terapeuta é tentar encontrar o lugar mais seguro da pessoa para fazer o primeiro contato."
(Boadella, 1997)*

Boadella, com o objetivo de aproximar o entendimento desse corpo teórico de uma reflexão ou concepção de unicidade, de interdependência, fez analogia das dimensões fundamentais da Biossíntese com a árvore - uma estrutura integradora, que mantém seus fluxos energéticos próprios e que troca com o meio, energia, alimento e sua produção. Dessa forma Boadella permitiu mais didática ao entendimento sobre o relacionamento entre as diferentes partes da atuação da Biossíntese.

A analogia se traduz nas seguintes expressões:

Correntes da vida: raízes da corporificação

“Uma árvore tem raízes que a ancoram à terra e fornecem sua alimentação essencial. Na mitologia nórdica a árvore do mundo sagrado possuía três raízes que eram fontes de vida, permitindo um fluxo de energia dentro do corpo do mundo.” (Boadella, 1997)

As três raízes correspondem às três correntes de afeto: a corrente de sentimento, associada ao estar bem alimentado física e psicologicamente; a corrente de sentimento associada com movimentos livres e graciosos; e a corrente de afeto, associada com o contato agradável com a pele e com os órgãos dos sentidos. Todas as três correntes de afetos podem, é claro, ser carregadas negativamente, que é o fundamento somático da neurose: as contrações e estresses dentro e entre os sistemas orgânicos, quando a integração entre as três correntes interrompe-se e torna-se disfuncional.

“A partir das raízes da árvore nasce o tronco, a haste vertical, o corpo principal da árvore. O tronco surge do solo e estende-se em direção à luz. No corpo humano também podemos falar do tronco e a base dele é dito como sendo a raiz central do corpo. O tronco no corpo é mantido unido pela espinha, o eixo do sistema motor e canal para os nervos motores, sensoriais e o sistema vegetativo a eles associado. A espinha tem sete nódulos naturais onde ela se curva e se inclina, e sobre estes nódulos estão situados os centros de nosso sistema de energia sutil, ligados às principais glândulas do corpo. O tronco da espinha é o eixo integrador principal do

corpo, estendendo-se da pélvis ao cérebro, passando através dos centros nervosos que regulam a digestão e a sexualidade, até aqueles que mantêm o coração em equilíbrio, à garganta e a linguagem, os olhos e a visão, as orelhas e a audição e, finalmente, o próprio cérebro, o pedaço de matéria mais complexo existente na natureza.” (Boadella, 1997)

Aqui abordagem da Biossíntese se refere a níveis de expressão associados aos segmentos verticais da espinha como "campos vitais". Sexualidade é um campo vital. Linguagem é um campo vital.

Linhas vitais: rede de conectividade

Boadella diz que a árvore não fica em pé sozinha: ela é um organismo em uma floresta de outros organismos.

“A árvore gera flores e atrai insetos. Ela joga sementes às quatro direções do vento. Ela pode fertilizar e ser fertilizada. Suas folhas formam parte do leito da floresta e servem de alimentação para outras árvores. A árvore é parte de um ecossistema.” (Boadella, 1997)

Usando a árvore como paradigma, o ser humano também não se mantém sozinho. Ele tem linhas vitais de relacionamento estendendo-se antes dele no tempo, através de seus pais e avós. Várias gerações de influências e volta-se à Idade Média. O número de pessoas neste espaço de tempo, se cada uma delas representasse uma geração, levaria a épocas remotas. Com isto ele ilustra que o ser humano faz parte de uma teia que teve um início anterior a ele e que terá uma seqüência posterior a ele.

“Nós temos linhas de vida estendendo-se depois de nós: nossos filhos e netos; não apenas aqueles que geramos

fisicamente, mas aqueles que geramos profissionalmente. As linhagens de movimentos terapêuticos, de transmissão cultural.” (Boadella, 1997)

Fugas de vida: padrões de experiência

“A árvore tem anéis. A cada ano o tronco se expande e aparece um novo anel. A sequóia gigante na Califórnia, que é larga o suficiente para permitir que um carro passe através dela, tem 400 anéis. Cada anel deposita uma nova camada de história. O tempo de vida da árvore é medida por seus anéis.” (Boadella, 1997)

Boadella chamou de fugas de vida, as histórias que os homens contam a si mesmos sobre de onde vieram e para onde estão indo, seus sonhos, visões do passado, visões do futuro, o tapete de suas vidas que estão tecendo, o espetáculo de sua corporificação.

Formas de vida: estruturas de integração

“A árvore tem galhos. Reich escreveu: uma árvore torta nunca cresce reta. As árvores podem ser deformadas ou bem formadas. Sob condições severas, elas podem ser destruídas ou secar, ou podem ser objetos de beleza que tiram o seu fôlego. A forma da árvore depende de como ela é estruturada, a proporção de seus galhos, o seu balanceamento.” (Boadella, 1997)

Quando há muito pouca estrutura em uma pessoa, há uma tendência a desintegrar. A estrutura está faltando. A forma extrema disso é um estado psicótico, repleto de incoerência. Energias intensas estão sendo movidas ou congeladas, mas a pessoa não é capaz de estruturá-las ou de integrar as dores em sua vida. Um estado limítrofe é um estado

sem limites. Uma pessoa sem limites sente como se não tivesse pele: ela é como uma árvore cuja casca foi arrancada, super vulnerável, tornando-se doente emocionalmente. A Psicoterapia trata apenas com níveis de estrutura até a “pessoa normal”, que tem uma estrutura normal, o que Reich chamou de “*Homo normalis*”.

Lowen (apud Boadella, 1997) encontrou uma metáfora para as rupturas no ser humano, ele pegou um toco de árvore e partiu-o ao meio com um machado. Disse que Individualização é a cura das rupturas, unindo os vazios para a devida integração, tornando os seres mais inteiros.

Na Cabala, a árvore do homem, com suas modalidades mais alta e mais baixa, para a esquerda e para a direita, é um símbolo da totalidade do homem.

Na Biossíntese trabalha-se muito com o conceito de polaridades, os extremos de fixações em um pólo ou no outro e na pulsação entre eles. Existem níveis mais altos de estrutura do que ser normal, mas eles não são estruturas brutas, feitos de massa ou conceitos do ego, são estruturas finas no sutil sistema energético. A meditação é um modo de sintonia fina e desta maneira, de reestruturar o campo energético.

Assim, a forma de vida relaciona-se aos diferentes estágios de coerência os quais a pessoa atravessa no desenvolver de sua vida e é relacionada a este crescimento pessoal e espiritual e não ao seu envelhecimento no eixo do tempo.

Bases vitais: fundações de apoio

“As raízes das árvores estão profundamente enterradas no solo. Elas estendem-se abaixo da terra tão longe quanto os galhos acima do solo. A árvore está ancorada na terra e suga a umidade da chuva, bebendo milhares de litros por dia.” (Boadella, 1997)

A Biossíntese preocupa-se com muitas formas de bases. A primeira destas é, claro, a base física, a estabilidade sobre a terra, o senso de estar enraizado no planeta ou não. Mas a base física é apenas o primeiro tipo de embasamento. Existe o embasamento sexual com o corpo do outro. Existe o embasamento da natureza e

associações com um lugar em particular. Existe a base humana de uma família ou uma comunidade. Existe a base conceitual do sistema de linguagem ou uma estrutura de crenças. E existe a base interna da fé, no sentido da vida de uma pessoa.

Estas várias bases, atuais, lembradas ou imaginadas, são parte dos recursos de uma pessoa, elas são fontes de força para apoiá-lo em crises, são fontes de cura para alimentá-lo em períodos de estresse.

Raios vitais: qualidades de inspiração e encarnação

“O topo da árvore é chamado de coroa, assim como o topo da cabeça do ser humano é chamado de coroa. A coroa da árvore consiste de folhas sugando ar e banhando-se em luz. A fotossíntese da árvore fornece a energia para a biossíntese de seu corpo. Na Biossíntese, lidam-se com o acesso ao espírito – que significa respiração, e à luz que é um símbolo para as qualidades.” (Boadella, 1997)

A psicoterapia moderna tende a desacreditar e temer a espiritualidade como sendo algo esotérico, um ritual religioso. Mas Boadella publicou em um artigo que todas as formas de psicoterapia inspiraram-se de início em recursos espirituais, assim como em seus conceitos psicoterapêuticos, psicodinâmicos, comportamentais ou corporais.

Na Biossíntese é dado um lugar central ao alimento espiritual do ser humano, em contraste ao desamparo espiritual que caracteriza todas as formas de desespero existencial. Em algumas formas de ensinamentos esotéricos, as qualidades são simbolizadas ou entendidas como raios de luz descendo sobre as pessoas a partir de uma dimensão espiritual do ser.

Reich escreveu que na base de toda neurose, por baixo de cada estado de dor e condição torturada, existe um simples, decente e claro estado de ser humano. Ele chamou isto de âmago. A Biossíntese nomeia de essência. Os cristãos chamam de alma. A

espiritualidade é muito simples em essência: o professor espiritual dinamarquês Bob Moore, chama isto de sentimento por aquilo que você está fazendo. É o mistério por trás do problema, a cura por trás do ferimento, a face verdadeira por trás da máscara de Horus, as qualidades que estão precisando se manifestar para que os estresses da vida possam ser tratados de uma maneira clara.

A dimensão qualitativa da vida, da maneira como é entendida pela Biossíntese, é trans-somática, porém corporificada, trans-pessoal, mas pessoalmente encarnada, indestrutível, mas, no entanto, capaz de ser esquecida, sobreposta e enuviada. Pode-se esquecer as qualidades, mas elas não esquecem os homens. A árvore está constantemente recebendo o benefício dos raios do sol do céu claro, mesmo quando o sol não está visível.

Segundo Boadella, com esta analogia, ele não apontou técnicas ou princípios terapêuticos: estes vêm depois. As dimensões que ele descreveu não são apenas terapêuticas, mas pré-terapêuticas e trans-terapêuticas. Elas formam a base de trabalho em milhares de campos de aplicação.

Além de ser uma teoria de psicoterapia do corpo, a Biossíntese é uma forma de autodesenvolvimento e auto-regulação apoiada, como citado anteriormente, no processo formativo. Pode ser usada com a população em geral no sentido da prevenção de neurose: escolas, grupos de pais, grupos de mulheres, grupo de gestantes, grupos de 3ª idade, relação mãe-bebê nos primeiros momentos de vida, trabalho institucional, treinamento em empresas, etc. Como forma de psicoterapia, tem sido utilizada com pacientes neuróticos, psicossomáticos e borderlines, tanto em forma individual como grupal, conforme a necessidade interna do cliente.

2.3.5 CORE ENERGETICS

Dr. John C. Pierrakos foi o criador de Core Energetics, um processo terapêutico, psicoterapêutico e evolutivo que significa Energética da Essência. Sua proposta é integrar o corpo, mente, emoção e espírito, focalizando o prazer e o amor como base da vida,

trabalhando a dinâmica psíquica, imagens mentais, bloqueios emocionais e processos inconscientes utilizando o corpo como instrumento de diagnóstico e focalizando todos os níveis da existência humana.

Trabalha os sistemas de defesas do indivíduo no seu corpo e mente, pelas dimensões da energia e da consciência, para com isto poder alcançar sua essência.

A essência se traduz no nível da consciência que representa as qualidades e virtudes dessa abordagem tendo o amor como expressão central.

O produto dessa intervenção é a uma profunda experiência de encontro e descoberta dessa essência e com os verdadeiros sentimentos presentes em cada ser, e como consequência desse encontro, a liberação de uma grande quantidade de energia promovendo vitalidade e maior plenitude de vida, alegria e prazer.

John Pierrakos, psiquiatra grego, aluno de Reich e co-fundador, juntamente com Alexander Lowen, da Bioenergética, que após mais de 50 anos de pesquisas com a bioenergia, incorporou conceitos de psicologia corporal criados pelo Dr. W. Reich, conhecimentos da física moderna, processos de movimento corporal intenso, experiências emocionais e mentais unidos com os conhecimentos de Eva Pierrakos, sua esposa, e propôs um processo terapêutico ou psicoterapêutico que atuasse nas cinco dimensões da consciência humana: a) Espiritual, b) Mental, c) Emocional, d) Física (corpo), e) Dimensão da Vontade.

Em sua concepção, a evolução da personalidade dependeria de um trabalho sistemático e transformador, possibilitando a integração do "Eu Superior" com esses cinco níveis da consciência. Core Energetics não isola nenhum nível, ao contrário, considera todos unificados.

O processo de Core Energetics se desenvolve em vários estágios e enfatiza na aceleração do processo evolutivo do ser humano, focalizando a dissolução da Máscara, o confronto com o "Eu inferior" (a sombra, que é a sede da destrutividade, dor e sofrimento) e a expressão do "Eu superior" (Self, que é a sede da criatividade, abrindo o coração para o amor e cura interior).

Para esta abordagem, Dr. John estudou profundamente seus antecessores e contemporâneos e constatou que o Freud apoiava sua teoria no conteúdo psíquico, que Jung acrescentou o self (a alma) como tratamento psiquiátrico, que Reich uniu a fisiologia e a psicologia e concebeu a unidade psicossomática e a energia orgone. Com Lowen e a bioenergética, Pierrakos introduziu o elemento volitivo nos distúrbios psiquiátricos, a vontade ou a intenção de quem está sofrendo com o corpo, com as emoções ou com a mente analítica, enfatizando o princípio do prazer e o da realidade.

Core Energetics retoma o conceito de orgônio, e considera que tudo é energia e consciência com um movimento centrífugo e centrípeto (para dentro e para fora), um contínuo pulsar. Esta energia está tanto no cosmos como quanto no organismo humano, ou seja, em tudo que existe está a energia orgone. Ela possui uma capacidade de direcionamento, sendo esta capacidade a própria consciência.

Para propor a terapia de Core Energetics John Pierrakos estruturou seu trabalho em três níveis: a) máscara, b) eu inferior, c) eu Superior.

A máscara seria a persona no conceito Junguiano. Neste nível estariam as couraças, as defesas de caráter, o ego distorcido.

O eu Inferior corresponderia à sombra, conceito também Junguiano, representando os instintos inconscientes, os sentimentos negativos primais, este Freudiano.

O eu superior seria a essência, o núcleo, o self, o Core, os sentimentos positivos.

O primeiro nível expressaria a energia bloqueada, a falta de vitalidade, pouca energia, sensação de vazio, cuja consequência seria a distorção, a postura defensiva, residindo no corpo e na mente.

O segundo nível conteria emoções negativas, impulsos inconscientes, raiva, ódio, pânico, medo, crueldade, destrutividade. Estes movimentos separariam o eu do universo exterior e a pessoa de sua essência. Estes aspectos chamados de negatividades, na verdade seriam distorções do terceiro nível, seriam reações, frustrações ou rejeições do seu fluxo pulsatório, que são acionados para proteger a vida. Esses aspectos apareceriam no corpo.

O terceiro nível, o mais profundo, o Core, a essência, seria a capacidade humana plena e total. Seria a fonte da consciência e da força vital. É um fluxo espiral energético

com plena consciência, completamente afirmativa e receptiva, que possui unidade. Repetiria no ser humano a mesma força que opera no Universo. Seria eterna e manteria os processos de vida e evolutivos. Seria criadora, re-criadora e uniria pólos opostos, além de possuir diversos atributos. Essa energia, a energia do Core, pulsaria da essência para toda a periferia do corpo, e também no sentido inverso, ou seja, para o interior do corpo.

O tratamento pela terapia de Core Energetics é composto por três estágios. O primeiro deles é “a penetração da máscara”, estágio onde as defesas associadas ao caráter (esquizóide, oral, masoquista, psicopática, rígida), como descrito no modelo das defesas de caráter reichianas e bioenergéticas, são tratadas pela confrontação no corpo e na mente. Nesta etapa Core Energetics pretende dissolver os bloqueios e energias destas defesas de caráter, que são impeditivos de acesso ao core. Configura-se em um trabalho contínuo, que respeita os limites do paciente, dando-lhe suporte, conforme orientações de Pierrakos.

A “liberação do eu inferior” corresponde ao segundo estágio, considerado o mais árduo, pois caracteriza um trabalho delicado de liberação de energias, que, por vezes, estão cristalizados no corpo e na mente por repressões e bloqueios. Trabalhar neste estágio requer experiência, conhecimento e habilidade para que os conteúdos em vários níveis no corpo e na mente possam ser expressos, dissolvidos e transformados, de forma terapêutica, segundo pressupostos da Core Energetics.

O terceiro é “a chegada à essência” – um momento de lucidez, criatividade e energia, onde a pessoa centra-se em seu Eu Superior. A implicação energética do Core é vibrante e qualitativamente se traduz em amor. Quando direcionada com consciência essa energia tem a capacidade de integração, conferindo cura em diversos níveis.

O quarto e último estágio é o “plano de vida”, ou seja, a construção de objetivos e metas a partir da nova percepção interior. A partir desta nova concepção de si mesmo, real, sentida e percebida, a Core criará a possibilidade de uma nova jornada existencial, com novos paradigmas e estados de consciência inéditos a essa pessoa.

Torna-se evidente que o propósito do Core Energetics é unificar o corpo, a mente, as emoções e a essência, desenvolvendo no ser humano a capacidade de amar e de curar, suas técnicas podem ser aplicadas em terapias, grupos, organizações e na educação.

Hoje no Brasil o ICEB – Instituto Core Energetics do Brasil parceiro do INIC, desenvolve treinamentos palestras e terapias e está em desenvolvimento, expandindo esta abordagem no Brasil como foi a realização do evento em São Paulo o I Congresso Nacional em Core Energetics em 2008.

2.3.6 DANÇATERAPIA

Dançaterapia ou dançamovimentoterapia é um método internacional proposto por Maria Fux, que visa inclusão e socialização das pessoas através da sucessão de movimentos, procurando dar-lhes confiança para abandonar seus medos e incapacidades.

É uma abordagem corporal que faz uso terapêutico da dança e do movimento, e é um instrumento simples e poderoso que permite, através de um gesto, melhorar o próprio modo de ser e estar, física e mentalmente no mundo.

Seu status de terapêutica é atribuído na medida em que, como dança e expressão, confere corpo às emoções.

Maria Fux, sua criadora é uma bailarina e coreógrafa Argentina, que por meio de suas experiências, tanto pessoais quanto profissionais, descobriu possibilidades de crescimento e transformação pessoal através do movimento e de estímulos como: música e silêncio, cores e objetos, instrumentos e corpo, promovendo a integração do indivíduo consigo mesmo e com o meio no qual interage, reconhecendo seu corpo e seus limites, extraindo seus medos e desenvolvendo sua criatividade e sua sensibilidade.

O fundamento principal deste método de terapia reside no abandono da crença de “não poder” pela crença de “poder”, ou seja, a substituição de pensamentos e padrões de incapacidade por pensamentos de autoconfiança e capacidade. Nesse contexto a experiência do corpo é a descoberta de seu ritmo interno através do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior e, para isso, o corpo deve ser estimulado, e acima disso, ter um sentido – porque se move e para que se move?

A dançaterapia parte do princípio de que o estado emocional e a personalidade da pessoa estão refletidos em seus movimentos e que, portanto, se houver uma modificação nos padrões de movimento isto refletirá em uma transformação na saúde emocional e física

do indivíduo. Por esta razão, a dançaterapia pode ser uma excelente alternativa para as pessoas que possuem dificuldade em se expressar verbalmente. Desta maneira a dançaterapia surge como uma ferramenta auxiliar em tratamentos de psicoterapia verbal.

Sua proposta é que o indivíduo reconheça-se como um ser da natureza, participante consciente ou inconsciente dos ritmos biológicos, dos rituais sociais e comunitários e da dança universal.

Fux, em sua abordagem não pretende cura e sim transformação, mudança. Ela diz que, por mais que seja grave, qualquer tipo de problema, sempre haverá espaço para a mudança, ainda que seja preciso esclarecer que o movimento, por si só, não traz mudanças na pessoa, assim como, nem todas as pessoas estão predispostas à mudança quer seja em seu corpo, em seu espírito ou em sua vida. Por seu método, Fux diz que através dos movimentos corporais se generalizam mudanças que não são apenas físicas, mas que envolvem ativamente o corpo interno, que segundo ela, muitas vezes encontra-se separado, relegado a um plano secundário.

Segundo Fux, a dançaterapia permitiria trazer à tona, através dos movimentos mesmo pequenos e simples, aquilo que às vezes permanece oculto dentro da pessoa, não expressado, reprimido.

“A dançaterapêutica é a dança na sua forma mais simples e a linguagem das emoções profundas”.
(Cerruto, 2005)

Quase duas décadas de trabalho de Helena Cerruto, expressiva transmissora das idéias de Maria Fux e da Dançaterapia, reafirmam esta definição, disposta em seu livro “A ritmo di cuore, la Danzaterapeutica”.

Mas, neste contexto, quem seria o dançaterapeuta?

Um profissional que trabalharia essencialmente com o movimento e com a dança, atuando através da linguagem corpórea em campos sócio-educativos e de saúde, com finalidade terapêutica, preventiva e de reabilitação.

Ser dançaterapeuta requer por o corpo, o afeto, o olhar reflexivo, a permissão à disposição da fantasia, da capacidade de jogo, da possibilidade de adaptar seu próprio tempo ao tempo de cada grupo.

Caberia ao dançaterapeuta a tarefa de estimular áreas adormecidas, não limitadas apenas a formas audíveis. Sua função seria a de abrir canais de comunicação para facilitar o interjogo da pessoa através da dança, a música, o silêncio, a escrita, o desenho, o jogo, a palavra, o humor e os estímulos intermediários.

Seria importante que o dançaterapeuta se mantivesse informado sobre o desenvolvimento e atualidades da Dançamovimentoterapia e campos afins.

Um dançaterapeuta deveria adquirir conhecimentos teóricos e práticos, bem como trabalhar em si mesmo, o desenvolvimento da paciência, da intuição, empatia e ter a habilidade de recriar o que aprendeu de acordo com cada situação.

A dançaterapia pode ser praticada por pessoas com e sem patologias (Parkinson, doenças cardíacas, motoras e etc.) e deficientes físicos e mentais em geral. Pessoas que sofrem por conflitos emocionais, ou que têm dificuldades de movimentos devido a tensões, ansiedades; por pessoas que queiram trabalhar o receio da proximidade, do contato físico ou da confiança e por pessoas que estão passando por momentos traumáticos associados à perda, transições ou mudanças.

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira conclusão que este trabalho permite notar é que houve, desde os anos setenta até os presentes dias, um significativo avanço nas abordagens corporais para aplicação psicoterapêutica.

A importância atribuída ao corpo, à linguagem inscrita em seus movimentos ou à ausência deles são sinais de que a Psicologia considerou o corpo como uma possibilidade veicular de condução à cura ou à transformação.

Isso, indiscutivelmente, agregou aspectos evolutivos à ciência que estuda a subjetividade humana, e mais ainda, à humanidade que se beneficiou das terapias, indubitavelmente, eficazes.

Outra conclusão, possível pelo levantamento feito, é que as abordagens corporais iniciaram uma concepção holística, concebendo o homem numa totalidade corporal, mental, emocional e espiritual, onde a energia é um elemento incontroverso e totalmente transitável em cada uma dessas dimensões.

Cabe dizer que a construção de uma síntese entre todas as abordagens corporais vistas, que inclusive não cercam a totalidade existente, é um projeto difícil e não fazia parte do escopo deste trabalho.

O estudo exploratório pretendido e realizado nesta pesquisa, pelo contrário, possibilitaram o levantamento de dados para posteriores estudos comparativos e analíticos a respeito do tema proposto.

O ponto que mereceria destaque, a meu ver, é que parece faltar um embasamento psicológico melhor fundamentado a algumas escolas de psicoterapia corporal. A ênfase em minha observação recai sobre a Dançaterapia, que tem suas bases teóricas suportadas apenas pelas percepções de Fux. Seria necessário um diálogo entre essas percepções e pressupostos teóricos que fundamentassem, em bases científicas, as conclusões de Fux. Por exemplo: quais autores e estudiosos enfatizam e complementam essa teoria? Fux possui quais orientações ou abordagens psicológicas para considerar sua dança terapêutica? Em

que pontos Fux e Reich se aproximam? Uma abordagem que aspire ser psicoterapêutica corporal deve possuir interlocução com ícones teóricos representativos da área.

O caminho para essa interlocução está aberto, e talvez caiba aos atuais representantes da Dançaterapia esta solidificação teórica, para que este método possa, efetivamente, ser considerado como uma abordagem psicoterapêutica corporal.

Pode parecer extremado este ponto de vista conclusivo, no entanto, não se pode ignorar que houve muita pesquisa na esfera somática e com significativas descobertas, apresentando intervenções que funcionaram além da palavra e do símbolo. Porém, houve simultaneamente, um distanciamento da manifestação verbal. E esta colocação ficaria clara com a seguinte questão: até que ponto as conclusões das observações do corpo e as propostas interventivas coincidem com o discurso simbólico e com as demandas psíquicas do paciente? Até que ponto todas as manifestações corporais são, efetivamente, o que o paciente apresenta como interesse íntimo e genuíno de modificação em si ou necessidade de “melhora”?

Surgiram outras formas de intervenção que lograram êxito a nível psíquico e emocional de maneira independente do processamento simbólico e cognitivo, cabe dizer que isto não significa que não possam estar associados, mas que, a meu ver, podem ser utilizados, e às vezes o são, com sucesso, mas de maneira independente de processamento verbal ou simbólico mais profundo, como algumas formas de massagem, exercícios de bioenergética, grupos de movimento, actings, técnicas respiratórias, etc.

Isto transforma os agentes dessas abordagens em terapeutas corporais e não em “psicoterapeutas corporais”, pois a esfera psíquica nem sempre precisa estar presente.

Talvez, tenha sido tão fascinante perceber a eficácia de tais intervenções, que aos poucos o desenvolvimento do campo da psicoterapia corporal foi se concentrando na descoberta e criação de novas formas de intervenção corporal. E, em paralelo, parece ter havido uma sutil despreocupação do pensar, do falar, da razão, do simbólico, enfim do psicológico ou do subjetivo.

Percebo que a Psicologia da Consciência pretende fazer esse resgate conceitual unindo ou “re-unindo” a compreensão do somático e do psíquico, construindo um domínio

das intervenções técnicas em ambos os campos e, isso me parece ser de vital importância e notável urgência à preservação da Ciência.

Concluo que resgatando a dimensão psicológica à abordagem corporal, a Psicologia da Consciência cumprirá o papel de conferir às terapias corporais o status de importância dentro dos estudos da consciência.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Sallette. A Dançaterapia e a formação da Consciência Corporal. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro. 2004. Disponível em <http://www.avm.edu.br/monopdf/7/SALETTE%20ALMEIDA.pdf> Acesso em: 19/03/2009.
2. BAPTISTA, Marisa T. da S. B. **As abordagens corporais: uma ampliação do campo da Psicologia, possibilitada pelas experiências oferecidas pelo Sedes Sapientiae.** Mnemosine, Vol. 1, No 1. São Paulo: 2005. ISSN: 1809-8894. Disponível em <http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/124/166>. Acesso em 10/03/2009
3. BECHELLI, L.P.C., SANTOS M.A. **Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança.** Rev Latino-am Enfermagem 2002 maio-junho; 10(3):383-91. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n3/13347.pdf>. Acesso em 15/03/2009.
4. BOADELLA, David. **Correntes da vida: uma introdução à biossíntese.** São Paulo: Summus, 1997.
5. BOADELLA, David. **Nos Caminhos de Reich.** São Paulo: Summus, 1985.
6. BOCK, Ana & FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias – Uma introdução ao estudo da Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1989.
7. BORINE, Monica S. co-autora. **Desvelando a consciência.** Rio de Janeiro: Quality Mark, 2008.
8. BORINE, Monica S. **Consciência, corpo e emoção em Psicologia da Consciência.** Anais do II Simpósio da Consciência. Bahia.
9. BORINE, Monica S. **Core Energetics - O legado do Dr. John C. Pierrakos.** Revista Psicologia Corporal. Paraná: 2002. Disponível em <http://www.brasil-coreenergetics.com.br/site/interna.asp?p=artigo&i=13> Acesso em 20/03/2009.

10. CABRAL, Álvaro & NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
11. CERRUTO, Elena. **Dança: “Como?”**. Centro de Formação Internacional em Dançaterapia – DMT. 2005 Disponível em <http://www.dancaterapia-dmt.com.br/artigos/Dan%E7aterapia%20como!!!.pdf> Acesso em: 19/03/2009.
12. CERRUTO, Elena. **O ritmo do coração**. Centro de Formação Internacional em Dançaterapia – DMT. 2007. Disponível em <http://www.dancaterapia-dmt.com.br/artigos/O%20ritmo%20do%20cora%E7%E3o....pdf> .Acesso em: 19/03/2009.
13. CUKIER, Rosa. **Sobrevivência Emocional**. São Paulo: Editora Agora, 1998.
14. FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo Movimento**. São Paulo: Summus, 1977.
15. FUX, Maria. **Dança: Experiência de Vida**. São Paulo: Summus, 1983.
16. FUX, Maria. **Dança: Experiência de Vida**. São Paulo: Summus, 1998.
17. GONÇALVES, Heloíse Pimenta. **Psicoterapia Corporal: instrumento do prazer da criatividade**. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINOAMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br Acesso em 14/03/2009
18. LOWEN, Alexander. **Alegria – A entrega ao corpo e à vida**. São Paulo: Summus, 1997.
19. LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.
20. NAVARRO, Frederico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1999.
21. RAMOS, Denise Gimenez. **A Psique do Corpo – A dimensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 2006.
22. REGO, Ricardo Amaral. **A clínica pulsional de Wilhelm Reich: uma tentativa de atualização**. *Psicol. USP*, São Paulo, v.14, n.2, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000200005&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 14/03/2009.

23. REICH, W. **A função do Orgasmo**. São Paulo: Circulo do Livro,
24. RIBEIRO, Ana Rita & MAGALHÃES, Romero. **Guia de Abordagens Corporais**. São Paulo: Summus, 1997.
25. RUSSO, Jane. **O mundo Psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
26. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
27. VOLPI, Jose Henrique. **Explorando os fundamentos básicos da teoria e prática da análise reichiana (análise do caráter, vegetoterapia e orgonoterapia)**. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br .Acesso em: 21/03/2009.
28. WAGNER, Claudio Melo. **A Transferência na Clínica Reichiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
29. WEIGAND, Odila. **Bioenergética: Um Panorama Atual**. Curitiba: III Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais, 1998.
30. ZINK, L. & KIGNEL, R. **A Tradição Reichiana**, Rio Grande do Norte: Congresso Nacional do Instituto Brasileiro de Biossíntese, 1999. Disponível em: <http://www.orgonizando.psc.br/c/ibb/artigos/tradicao.htm> Acesso em: 21/03/2009.

